

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Caio Ferreira de Meirelles

**MODIFICAÇÕES CORPORAIS: MARCAS DE IDENTIDADE DO COLETIVO E MARCAS DE
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Juiz de Fora

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **CAIO FERREIRA DE MEIRELLES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **201372010A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **MODIFICAÇÕES CORPORAIS: MARCAS DE IDENTIDADE DO COLETIVO E MARCAS DE IDENTIDADE INDIVIDUAL**, desenvolvido durante o período de 06/08/2018 a 28/11/2018 sob a orientação de Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 28 de novembro de 2018.

CAIO FERREIRA DE MEIRELLES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

MODIFICAÇÕES CORPORAIS: MARCAS DE IDENTIDADE DO COLETIVO E MARCAS DE IDENTIDADE INDIVIDUAL

Caio Ferreira de Meirelles¹

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise das modificações corporais humanas nas sociedades globalizadas contemporâneas como demonstrações ritualísticas e simbólicas caracterizadas por uma individualidade tipicamente ocidental e que, mesmo preservando alguns aspectos de identidade de coletivo, evidenciam a mudança de sociedades de dominante comunitária para sociedades individualizadas. Utiliza-se como base para o projeto a ideia de corporeidade humana pensada a partir do livro “A Sociologia do corpo”. Em seguida, faz-se a análise das modificações corporais em “Sinais de Identidade”, obras do sociólogo francês David Le Breton, abordando a corporeidade humana em uma vertente sociológica distinta das anteriores, buscando a compreensão do corpo através de seus símbolos, significados e imaginários. O autor detém-se inteiramente sobre o corpo e suas manifestações, entendendo-o como fenômeno moldado pelo contexto social e cultural, imerso na teia de significações específica de cada cultura. Essa abordagem da sociologia distingue-se do senso comum que entende o corpo a partir de explicações biológicas, genéticas e físicas. Busca-se, por meio da análise sociológica salientar como as modificações corporais podem ser formas de identificar o coletivo ou o indivíduo, variando de acordo com o lugar e tempo em que se encontram.

PALAVRAS-CHAVE: Modificações corporais; Individualidade; Coletividade; Identidade

1. INTRODUÇÃO

O corpo modificado nas sociedades ocidentais contemporâneas é representado tanto em suas motivações, como em suas significações, por um caráter tipicamente individualista. Responsável por afastar o homem do mundo e meio de diferenciação do outro, marcar o próprio corpo é entendido como ferramenta identitária em meio a uma crise de legitimidade, significação e valores, presente no mundo moderno e complexo. Forma de definir-se ou separar-se dos outros, do cosmos e até de si mesmo, o corpo modificado, demonstra preservar alguns traços do coletivo, encontrados, por exemplo, em tatuagens que identificam gangues e tribos urbanas, nos remetendo a sociedades tradicionais comunitárias e aos primeiros motivos que levaram as comunidades humanas a modificarem seus corpos, portando os homens de marcas da identidade do coletivo, de conexão e distinção do cosmos e da natureza, de diferenciação de um grupo para o outro e de memorização ancestral.

O presente artigo é pensado a partir das modificações corporais tradicionais de sociedades comunitárias, encontradas nas mais variadas formas de expressão, e também, das usuais e comerciais contemporâneas, normalmente limitadas a tatuagens, piercings e escarificações. Essas atividades se tornaram populares nas sociedades ocidentais e globalizadas nas últimas décadas, integrando parte do mercado econômico e cada vez mais presentes nas gerações mais novas, nas mídias populares, vistas em atores, atrizes e esportistas profissionais de alcance global, consideradas como forma de expressão artística.

Encontradas em larga escala nos dias atuais, presentes no comércio em forma de lojas de tatuagem e *body piercing* e cada vez mais populares, as modificações corporais vão de atos como perfurar com simples brincos variados lugares do corpo, até extremas modelagens, remoções ou expansões de aspectos faciais. O *body modification*, assim intitulado popularmente em escala mundial, tornou-se um crescente movimento cultural presente em diversos países e diferentes culturas ao redor do mundo, encarado por seus adeptos, das mais variadas faixas etárias, como uma manifestação da identidade através da arte.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: ferreiraskate@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Geralmente associadas a uma dissidência social nas últimas décadas do séc. XX, as modificações corporais nos dias atuais não são mais “como antigamente a tatuagem, uma maneira popular de afirmar uma singularidade radical, tocam em profundidade as jovens gerações em seu conjunto” (LE BRETON, 2004, p.10) em uma busca por uma identidade própria e única.

Encontradas em diversas culturas e sociedades humanas, as modificações corporais são ações ou procedimentos, cirúrgicos ou não, responsáveis por uma mudança física definitiva no indivíduo, modelando seu corpo simbolicamente. São procedimentos de remoção, deformação, ablação ou acréscimo na fisiologia natural humana.

Presentes frequentemente na história da humanidade, as modificações corporais encontram diferentes formas de manifestação, expressão e significado. Carregados de simbologias, os métodos de modificar o corpo são específicos em cada sociedade, tempo e cultura. São variadas formas de modelar o corpo a partir de marcações na epiderme, como escarificações, incisões e cicatrizes aparentes, até alargamento dos lóbulos da orelha ou expansão dos lábios superiores ou inferiores, modelagem dos dentes, tatuagens definitivas ou temporárias, deformação dos pés ou crânio, etc.

Meio de exteriorizar a identidade, marcar o próprio corpo é tendência cada vez mais crescente nos dias atuais, e não se trata puramente de causas da moda, traz consigo caracteres sociais de status e de identificação coletiva ou individual, responsáveis por mudanças no ambiente e agindo como ferramenta de aparência, de intimidação ou sedução. As marcas corporais vêm se tornando cada vez mais um fenômeno cultural.

“A marcação social e cultural do corpo pode se completar pela escrita direta do coletivo na pele do ator. Pode ser feita em forma de remoção, de deformação ou de acréscimo. Essa modelagem simbólica é relativamente frequente nas sociedades humanas: ablação ritual de um fragmento do corpo (prepúcio, clitóris, dentes, dedos, tonsura, etc.) marcação na epiderme (escarificação, incisão, cicatriz aparente, infibulação, modelagem dos dentes, etc.); inscrições tegumentares na forma de tatuagens definitivas ou provisórias, maquiagem, etc.; modificações da forma do corpo (alongamento do crânio ou do pescoço pelo procedimento de contenção, deformação dos pés, constrição do ventre por bandagem apertada, “engorda” ou emagrecimento, alongamento do lóbulo das orelhas, etc.); uso de joias ou de objetos rituais que deformam o corpo: anéis de junco e pérolas que provocam, com o crescimento do indivíduo, um alongamento do pescoço, inserção de discos nos lábios superiores ou inferiores. O tratamento dos cabelos, ou mais geralmente do sistema piloso, é um outro tipo de marcação corporal sobre o qual o coletivo tende a exercer um controle rigoroso.” (LE BRETON, David, 2002, p.59)

2. DESENVOLVIMENTO EM TRÊS PARTES

2.1.O CORPO NA SOCIOLOGIA

A corporeidade humana é um fenômeno moldado pelo contexto social e cultural. Esse entendimento, cunhado lentamente através de estudos que permeavam a noção de corpo, pertence a uma vertente recente da sociologia especialmente dedicada a compreensão da corporeidade, considerando-a como mediadora de toda e qualquer atividade humana. Essa perspectiva é resultado de uma caminhada progressiva das ciências sociais e principalmente da antropologia durante séculos, na construção de saberes sobre as diversas manifestações físicas do homem nas mais variadas culturas. Desconstrói ao longo do tempo a ideia do corpo como resultado de uma ordem natural responsável por definir os aspectos sociais do homem, da qual ele não seria capaz de escapar.

A “Sociologia do Corpo” de David Le Breton, obra chave para a disciplina e análise objetiva do corpo, busca entender as lógicas sociais e culturais que determinam as ações, expressões e significados das diversas ações físicas do homem, considerando que as manifestações corporais são carregadas de símbolos e imaginários determinados pela teia de significações específica de cada sociedade.

Algumas abordagens anteriores a essa sociologia implícita ao corpo, nos demonstra Le Breton, levam a corporeidade em consideração na análise, porém, usada para mediar conceitos, não se concentra profundamente nele como objeto da pesquisa, normalmente apresentando considerações e teorias relativamente ligadas a corporeidade e as condições em que se encontram fisicamente os indivíduos, mas não se detém inteiramente ao fenômeno do corpo, seus símbolos e significados. A exemplo, temos a clássica obra de Karl Marx “O Capital”, onde o corpo aparece na análise como elemento importante, mas é utilizado apenas para demonstrar as péssimas condições operárias na Inglaterra do século XIX.

Le Breton define mais claramente o que ele denomina de sociologia do corpo:

“A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Sugere que as ações que tecem a trama da vida cotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; [...] Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é vetor semântico pelo qual a evidência da relação do mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimonial dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.” (LE BRETON, David, 2002, p.7)

Segundo o autor, não existe nada de natural nos gestos ou sensações humanas. O corpo e suas manifestações não podem ser entendidos através de explicações biológicas, genéticas ou fisiológicas. Toda e qualquer técnica, atividade ou ação corporal só detém significado quando é executada dentro de determinada sociedade ou grupo que compartilha da mesma cultura, símbolos e significações. O corpo é o mediador das ações humanas, emissor e receptor de sentidos e significados. É a evidência direta da experiência do homem com o mundo físico. É através da corporeidade que o homem se manifesta ativamente e se insere no interior de dado espaço social e cultural, moldando o indivíduo de acordo com um conjunto de sistemas simbólicos único em cada sociedade e compartilhado por seus membros.

A inserção no campo simbólico de determinada sociedade é um processo que se constitui desde a infância e permanece constante durante toda a vida, encontrando momentos cruciais principalmente no início da infância e durante a adolescência, nomeados na sociologia como processo de socialização. Le Breton identifica esse processo de adesão aos símbolos e significados como uma “socialização da experiência corporal”: a inserção da criança ativamente na teia de significações de sua sociedade determina como serão suas ações, suas formas de expressão, seus gestos e sua experiência sensível com o mundo. Assim “a expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo”. (LE BRETON, 2002, p.9). A corporeidade e suas expressões só representam sentido quando expressas no seio do grupo social que o determina e compartilha as mesmas significações.

Em sua obra, o autor de A Sociologia do Corpo nos mostra como a preocupação social com o corpo é construída a partir de uma crise de legitimidade das condições físicas do homem e de suas relações com os demais e com o mundo que o cerca, característica comum na modernidade globalizada. Segundo Le Breton, é a partir do final da década de 1960, que a ascensão dos ideais feministas, a lenta desconstrução da sexualidade

como tabu, as expressões corporais, o *body-art*, juntamente com a crescente comercialização de atividades para modificação corporal nas décadas seguintes (como o surgimento de lojas de tatuagem e *body piercing*), abrem as portas para um novo imaginário e uma forte atenção para o corpo.

Certas análises sociológicas e antropológicas, já buscando entender o corpo como produto do próprio homem, moldado através de suas interações e experiências, da adesão ao conjunto simbólico que socialmente faz parte, começam a trilhar o que se tornaria uma sociologia que se detém diretamente ao corpo. Alguns autores já começam a ver o homem como “emanação do meio social e cultural. Numerosas são as pesquisas sociais que apontam a miséria física e moral das classes trabalhadoras” (LE BRETON, 2002, p.16), como Karl Marx e Engels, ou Louis Villerme, que, apesar de não se concentrarem inteiramente no corpo, o utilizam para mostrar indicadores negativos das condições precárias das relações de trabalho.

Uma das obras clássicas da antropologia, “As técnicas do Corpo”, de Marcel Mauss, caminha já em direção a corporeidade como parte relevante no estudo das ciências sociais, mesmo sem se deter profundamente nela em suas conclusões: analisa gestos e técnicas na ação humana que são carregados de códigos e símbolos com um propósito específico. Classifica as técnicas corporais a partir de diferenças entre sexos (ser homem ou mulher define um montante de gestos próprios de sua função social), de acordo com o idade, rendimento e transmissão dos conhecimentos. Também analisa as variadas formas e técnicas de nado, marcha, corrida, repouso, caça, etc.

“Mauss observa que a tecnicidade não é monopólio único da relação do homem com a ferramenta, antes disso há, de certa forma, outro instrumento fundador: ‘O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem.’. Modelado conforme os hábitos culturais, ele produz eficácias práticas. ‘Chamo técnica uma ação tradicional eficaz (e vemos que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico)’ acrescenta Mauss.” (LE BRETON, 2002, p.40)

Em acréscimo ao texto de Mauss, Lévi-Strauss destaca a importância e relevância da obra para as noções de corpo que começam a se construir e traz a proposta de arquivar as mais diferenciadas técnicas corporais humanas, em diversas culturas, concluindo que estas seriam evidências mais precisas que outros métodos de análise da cultura.

“O estudo sociológico das técnicas do corpo é uma via proveitosa com a condição de esclarecer, para não cair num dualismo elementar, que mesmo sendo o corpo uma ferramenta, ele continua sendo o “fato do homem” e depende então da dimensão simbólica. O corpo não é nunca um simples objeto técnico (nem mesmo o objeto técnico). Além disso, a utilização de certos segmentos corporais como ferramenta não torna o homem um instrumento. Os gestos que executa, até os mais elaborados tecnicamente, incluem significação e valor.” (LE BRETON, 2002, p.44)

Le Breton nos mostra, também, o artigo de Robert Hertz, de 1909, a respeito do uso das mãos. O estudo de Hertz mostra que a grande maioria das sociedades utiliza a mão direita como a principal em suas funções motoras, mas que tal preeminência não se trata completamente de aceções físicas:

“R. Hertz observa que as razões fisiológicas são secundárias em relação ao obstáculo cultural constituído pelas representações: sempre negativas quando associadas à esquerda e sempre positivas quando se trata da direita. [...] O fisiológico está aqui subordinado à simbólica social.” (LE BRETON, David, 2002, p.20)

Outro autor que se encontra presente nesse importante esboço de sociologia do corpo é Norbert Elias com seu ensaio “A civilização dos costumes”, publicado em 1939 na Alemanha. Ele sublinha através de uma sociologia histórica, que as regras e costumes civis ocidentais definem as ações externas do corpo como maneiras aceitáveis ou inaceitáveis em determinadas relações e situações, ou seja, modos de se comportar à mesa, a maneira educada de se portar e vestir diante dos outros, as necessidades fisiológicas naturais (escarrar, defecar, etc.), as relações sexuais e afetivas; são regras criadas por uma camada social nobre, presente na corte europeia. Caráter que, além de elucidar as ações do corpo como produtos sociais e culturais, inicia um afastamento de certas atividades corporais da cena pública, tornando-a parte apenas da vida privada e individualizada.

A carne do homem, evidência direta de sua experiência com o mundo, é matéria culturalmente maleável, definida através do meio em que se insere. Pode ser ferramenta para marcar o indivíduo como único, ou como parte do coletivo. Responsável pela transmissão de sentidos, o corpo do homem é que produz suas qualidades e características na relação com os outros, e não o contrário. Certas abordagens da Biologia e Medicina tentam constantemente explicar as ações e particularidades corporais humanas através de fundamentos biológicos, físicos, genéticos e na ultrapassada noção de distinção racial humana.

“Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistema simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de referências culturais.” (BRETON, 2002, p.7)

2.2. ENTENDIMENTOS BIOLÓGICOS DO CORPO

Para elucidar o corpo como construção social, alguns imaginários e abordagens a respeito desse corpo de que se fala devem ser definidos. Caracterizar o corpo modificado como ferramenta de identidade individualista e, em contrapartida, coletiva, traz, antes de mais nada, a necessidade -assim como qualquer análise sociológica que tenha como objeto direto a corporeidade humana, própria da abordagem da Sociologia do Corpo- de primeiramente distinguir o senso comum e os imaginários biológicos da análise sociológica em si, para esclarecer de que corpo é esse que falamos.

O corpo é entendido em algumas vertentes, principalmente das disciplinas biológicas e médicas, que desenham o ideal do senso comum, como algo dependente de preceitos naturais. Explicações e definições genéticas ou físicas, definem o homem como produto de seu próprio corpo e de suas propriedades naturais, tratando-o, segundo Le Breton, como uma espécie de *alter ego*. Uma concepção dualizada do corpo como um atributo, distante do homem que dá forma e o qual é mediador direto de sua existência e experiência mundana. Distanciando assim, o indivíduo de si mesmo, a corporeidade humana se encontra diante de uma ambiguidade.

Para Le Breton, quando falamos do corpo o tratamos como algo fora de nós, uma espécie de posse, ou um *alter ego*. Já nas concepções de Freud, como se este não fosse, antes de mais nada, aquilo que nos dá forma, responsável por nossa existência expressa materialmente no mundo físico. Caímos em uma ambiguidade do referente corpo que tratamos. Essa separação entre o corpo e o homem que o porta é fruto de uma noção baseada na corporeidade como obra vinculada a uma suposta ordem natural. Tal noção resulta em uma facilidade linguística que trata o corpo como outra coisa, além do indivíduo, discurso que opõe

evidentemente o homem e seu corpo, supondo que a existência corporal pode ser entendida e analisada fora do homem concreto.

A respeito da crise moderna que nos leva a falar do corpo como um atributo, Le Breton nos diz:

“A crise de significação e de valores que abala a modernidade, a procura tortuosa e incansável por novas legitimidades que ainda hoje continuam a se ocultar, a permanência do provisório transformando-se em tempo da vida, são, entre outros fatores, os que contribuiram logicamente para comprovar o enraizamento físico da condição de cada ator. [...]. Problemática coerente e até inevitável numa sociedade de tipo individualista que entra numa zona turbulenta, de confusão e de obscurecimento das referências incontestáveis e conhece, em consequência, um retorno maior à individualidade. [...]

De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros.” (BRETON, 2002, p.10)

Esse entendimento comum na modernidade nos leva a pensar cada vez mais sobre o corpo como lugar de exclusão em meio à crise de legitimidade que torna a experiência com o mundo duvidosa.

O desmoronamento dos valores e ideais que definem a idade medieval, juntamente ao início das primeiras dissecações anatômicas da medicina e da ascensão da filosofia mecanicista, que entende o corpo com base em funcionamentos mecânicos, são elementos que abrem as portas para a separação do indivíduo e seu corpo.

A propagação de um individualismo, vinculado às reformas protestantes e ao “nascimento” da noção de “eu” cada vez mais individualizado, também ajudam nesse cenário de separação. Pela primeira vez na história católica, o homem e suas ações terrenas, principalmente através do trabalho pessoal, serão responsáveis por definir seu destino no pós-morte. Em contraposição a antiga noção de predestinação, o corpo começa a se tornar posse única de cada ator, ferramenta de separação entre os indivíduos, podendo ser moldado à sua maneira.

Algumas concepções biomédicas e imaginários a respeito do corpo deixam de lado os aspectos e dimensões sociais, culturais e individuais, entendendo que toda manifestação corporal pode ser explicada através de análises anatomofisiológicas, de predisposições genéticas ou até mesmo neurológicas, condicionando o corpo a uma ordem da natureza. Leque aberto a partir das teorias darwinianas, definem que as expressões, gestos, sensibilidades e experiências humanas estão intrínsecas e dependentes de mecanismos biológicos considerados universais e inquestionáveis.

Reduzindo as relações humanas e a estrutura coletiva das sociedades a explicações que determinam a cultura como resultado de fatores biológicos e naturais, o imaginário do corpo sociobiológico desconsidera qualquer dimensão simbólica. Substituindo-as por disposições puramente genéticas, heranças dos pais como genes dominantes humanos, considera que qualquer mudança social, seja em dimensões individuais ou coletivas, só poderia ser feita por intervenções nos genes. Misturando as teorias que explicam a totalidade do reino animal com as explicações das atividades humanas, essa noção deixa completamente de lado qualquer aspecto cultural, presente de forma única na natureza apenas na espécie humana.

David Le Breton nos diz que:

“[...] a sociobiologia é obrigada a privilegiar argumentos impositivos oriundos do imaginário biológico. Ela afasta a preocupação de observar o homem real que vive em dada sociedade num dado momento; de fato, prefere o estudo dos mecanismos neurológicos dos

comportamentos ao estudo das relações do homem com o mundo. Prefere os mecanismos musculares às ações da corporeidade humana.” (BRETON, 2002, p.64)

Assim, explicações como esta ilustram um cenário que evita a complexidade presente na imersão do campo simbólico único em cada sociedade e das trocas de significações evidentemente presentes na condição da relação social humana, comparando as trocas de experiências como se fossem nada além de meras trocas de informações entre células, como se o homem e suas ações fossem apenas resultados dos instintos geneticamente herdados e pudessem ser analisadas a partir das mesmas lógicas que explicam a genética.

Em seguida, o autor fala a respeito das potencialidades de aprendizado de uma criança em diferentes sociedades, onde elas possuem as mesmas capacidades para aprender, mas que, inseridos em determinado grupo, desenvolve de uma forma ou de outra, as disposições que, imersas no campo simbólico, regulam suas ações. Em outras palavras, podemos perceber apenas como ordem universal a presteza do ser humano a inserir-se na teia de significações específica de seu grupo social. Assim, “a condição do homem (e também extensão física de sua relação com o mundo) está sob a égide do universo de sentidos que adere a ele e mantém o vínculo social.” (LE BRETON, 1992, p.65)

Outra evidência de que o corpo e as ações do homem são moldes culturais é a relação da diferença entre os sexos:

“O homem possui a faculdade de fecundar a mulher enquanto esta conhece menstruações regulares, carrega em si a criança que coloca no mundo e em seguida aleita. Aí estão os traços estruturais, em torno dos quais as sociedades humanas acrescentam infinitos detalhes para definir socialmente o que significa o homem e o que significa a mulher, as qualidades e o status respectivo que enraízam suas relações com o mundo e suas relações entre si.” (BRETON, 2002, p.65)

Complementando as diferenças entre os sexos, o autor cita uma obra de E.E. Evans-Pritchard “*Parenté et mariage chez les Nuer*” (1992), onde este faz uma análise das relações de parentesco e casamento entre os Nuer, nos quais apenas as mulheres férteis são consideradas como tal; qualquer mulher infértil é como um homem: podendo ter diversas esposas e assumindo o papel social comum ao homem naquela sociedade. Assim, esclarece como as funções sociais relacionadas ao papel do homem ou da mulher não passam de construções culturais e sociais que, apesar de encontrarem uma espécie de conformidade na maioria das sociedades humanas, não é via de regra.

2.3. O CORPO MODIFICADO

2.3.1. MARCAS DO COLETIVO

O ato de modificar o próprio corpo é frequentemente encontrado nas sociedades humanas como formas de união ou separação, de distinção ou semelhança, são rituais que humanizam o homem. O corpo modificado encontra traços tanto individualistas como coletivos, de identidade e pertencimento a determinado grupo ou de diferenciação e identificação individual, variando de acordo com a cultura, local e tempo em que se encontra.

Característica comum em sociedades tradicionais, as marcas do corpo carregam, em forma física e ritualística, a identidade do coletivo, a distinção de um grupo para outro, e até mesmo de conexão do homem com o cosmos e a natureza. Nessas sociedades, de dominante essencialmente comunitárias e tradicionais, normalmente não regidas por um Estado, o corpo é encarado como ferramenta de união do coletivo, de distinção ou aproximação com o cosmos e a natureza, já que aqui, os indivíduos que compõem o grupo social não enxergam diferenças entre seus corpos, além dos traços físicos claramente próprios de cada um (encarar-se como indivíduo único e diferente dos demais através de seu próprio corpo é característica de sociedades

individualizadas contemporâneas). Segundo Le Breton, “[...] o estatuto da pessoa subordina-se ao coletivo, misturando-a ao grupo e negando a dimensão individual que é própria de nossas sociedades[...]. O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, à natureza, aos outros.” (1992, p30.)

Nas sociedades comunitárias, o corpo não se diferencia da pessoa, torna-se, na verdade, ferramenta de união e manifestação do coletivo, mergulhando o homem no interior de determinado grupo e em sua simbologia própria. Aqui, as marcas e modificações corporais encontram um papel fundamental para o coletivo: além de instrumentos de intimidação ou sedução, o corpo modificado representa um ritual de afiliação, determina que o homem e sua identidade fazem parte exclusivamente daquele coletivo, insere a pessoa diretamente no centro da comunidade ou do clã, distingue-se apenas dos outros que não compõe seu grupo, sejam estes outros clãs ou até mesmos animais ou a natureza. Sobre modificações corporais Le Breton acrescenta que:

“Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, eles são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou de separação. Elas integram simbolicamente o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca. Elas humanizam o homem colocando-o socialmente no mundo, como ocorre com os Bafia da África Ocidental que afirmam não poder distinguir-se dos animais da selva sem suas escarificações. Elas reproduzem o status social, ou mais especificamente matrimonial, num mundo legível por todos. Podem também recordar, como uma memória orgânica, o lugar da pessoa na linhagem dos ancestrais. Chamam a atenção para os valores da sociedade e o lugar de cada um na estrutura social.” (LE BRETON, 2002, p.59 e 60)

Em capítulo da obra “A Sociedade contra o Estado”, a respeito especificamente da tortura nas sociedades ditas primitivas, Pierre Clastres demonstra através de análises de relatos de outros autores, que acompanharam presencialmente rituais de iniciação em determinadas comunidades que utilizam a tortura, modificando o corpo como forma representativa de adesão ao coletivo. As marcas corporais nessas sociedades sem estado e geralmente sem escrita, são formas de significar um pertencimento social, inscrevem a lei e a memória do grupo diretamente na carne de seus membros: “As cicatrizes desenhadas sobre o corpo são o texto inscrito da lei primitiva [...]” (CLASTRES, 1979, p.182)

Clastres evidencia como os atos de tortura, traduzidos em forma de modificações corporais como escarificações, tatuagens e alargadores (ao menos nas obras analisadas pelo autor), marcando o indivíduo como parte pertencente ao grupo, marcam fisicamente nele a memória e as leis do coletivo.

Os ritos de passagem nessas sociedades tradicionais são de grande importância, fundamentam o eixo da vida social e religiosa do grupo, transformam o corpo individual em ponto de união. Rituais que manifestam no corpo as leis que não podem ser inscritas em outro lugar, se não na carne do indivíduo. Através da dor marcam o homem como parte do coletivo. Portador das marcas do grupo, a cicatriz sempre o lembrará de seu lugar e posição no mundo: membro daquela comunidade.

Apesar de toda a dor e sofrimento que os rituais de iniciação e passagem provocam ao marcar na pele do ator a identidade do grupo, os iniciados resistem bravamente ao procedimento e não demonstram oposição: aceitam a tortura. Clastres nos diz que “nas sociedades primitivas, a tortura é a essência do ritual de iniciação” (1979, p.177)

“Mas, depois da iniciação, e uma vez esquecido todo o sofrimento, subsiste uma prova irrevogável, as marcas que a operação da faca ou da pedra deixa sobre o corpo, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, no seu momento torcionário, é marcar o corpo: no ritual iniciático, a sociedade

imprime a sua marca no corpo dos jovens. [...] A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo transporta impressos sobre si os traços da recordação, o corpo é uma memória” (CLASTRES, 1979, p. 179)

E ainda:

“A lei que eles aprendem a conhecer na dor é a lei da sociedade primitiva, que diz a cada um: tu não vales menos de que qualquer outro, não vales mais do que qualquer outro. A lei, inscrita sobre os corpos, diz da recusa da sociedade primitiva em correr o risco da divisão, o risco de um poder separado dela mesmo, de um poder que lhe escaparia. A lei primitiva, cruelmente ensinada, é mais uma interdição de desigualdade que cada um não esquecerá mais. Sendo a própria substância do grupo, a lei primitiva faz-se substância do indivíduo, vontade pessoal de cumprir a lei” (CLASTRES, 1979, p.181)

Clastres demonstra então como o corpo modificado em sociedades tradicionais comunitárias é a ferramenta pela qual, através dos rituais de passagem e da tortura, unificam o indivíduo ao grupo, determinando seu lugar na sociedade “a marca assegura que ele pertence ao grupo: *<Tu és um dos nossos e não o esquecerás>*”.

2.3.2. MARCAS DO INDIVÍDUO

O corpo modificado na contemporaneidade traz em suas representações traços do individualismo ocidental, onde o corpo se torna uma ferramenta para uma manifestação da identidade do indivíduo, caracterizado por um afastamento do mundo e até de si mesmo, meio de separação entre a carne do homem e a carne do mundo (cosmos); ferramenta de diferenciação do outro.

Nesse sentido o corpo é a fronteira do indivíduo, sua marca única para a definição do seu ‘eu’. Émile Durkheim, um dos clássicos escritores das ciências sociais, diz que o corpo, apesar de considera-lo objeto de estudo vinculado a organicidade e não ao fato social, é um fator para individualização.

A concepção moderna de corporeidade nas sociedades individualistas distancia o homem e seu corpo do cosmos e da natureza, dos outros, de forma que o corpo se torna a fronteira entre o indivíduo e os demais, e até de si mesmo, já que o corpo é entendido fora do próprio homem. Essa separação entre o corpo e o homem faz com que o indivíduo busque através das modificações corporais uma forma de traçar uma identidade favorável ao ator.

Modificar o próprio corpo nas sociedades contemporâneas, individualistas e globalizadas, é uma construção da pessoa. Através de diversos procedimentos atualmente populares englobados no mercado econômico como as tatuagens, piercings, escarificações e implantes subcutâneos, o indivíduo desenha seu corpo a bel prazer, de acordo com seus desejos e vontades, marca a pele com memórias, inspirações, momentos, passagens, nascimentos e perdas.

“Sem o suplemento introduzido pelo indivíduo no seu estilo de vida ou nas suas ações deliberadas de metamorfoses físicas, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para acolher as suas aspirações. É preciso acrescentar-lhe a sua marca própria para tomar posse dele” (LE BRETON, 2004, p.8)

O mundo atual, globalizado, multinacional, intrínseco a tecnologia que globaliza e totaliza o homem em diversas culturas e lugares, onde quase todos e todas têm voz, permeado pela desconstrução de movimentos ideológicos do século passado, torna a relação do homem com o mundo que o cerca incerta, duvidosa. Encontrando-se em meio a uma multiplicidade de valores, crenças e culturas, o homem globalizado sente-se desorientado e, então, sente a necessidade de criar e determinar sua própria identidade. O corpo modificado

aqui torna-se uma forma de representação de si, afirma o indivíduo por si só, diferencia e afasta o homem dos outros e da sociedade que ele faz parte.

“A *body art* leva ao cúmulo esta lógica que faz abertamente do corpo o material de um indivíduo que reivindica modifica-lo a seu gosto e mostrar formar inéditas de criação. [...] os que fazem *piercing* ou tatuagem colocam sobre ou na pele sinais identificativos definitivos ou provisórios. Todos esses passos isolam o corpo como uma matéria à parte que revela um estado do sujeito, suporte de uma geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável.” (LE BRETON, 2004, p.18)

Segundo Le Breton, o corpo aqui se encontra inacabado, ferramenta modulável de acordo com os desejos e aspirações pessoais. Diante desse corpo, o surgimento de uma predisposição a transformar-se tornou algo comum. O corpo modificado é então a representação e afirmação pessoal, explícita e visível, composta por uma estética muitas vezes impactante. O descontentamento com o próprio corpo torna-se frequente e modificá-lo significa possuir a si mesmo, construir o corpo de acordo com a ideia de que se faz dele.

O surgimento dessas novas aptidões é uma forma muito evidente da mudança da relação do homem com seu corpo. Cada vez mais individualizado, o homem contemporâneo, principalmente as novas gerações que veem nas modificações corporais expressões artísticas (principalmente a tatuagem), investem no corpo, o transformam, usando suas marcas como meio de distinguir-se em relação a um mundo complexo que sutilmente os escapa. O corpo nesse contexto é percebido, segundo Le Breton, como “um borrão, uma relíquia, uma matéria inacabada [...] sentimento de insuficiência do corpo culminava na vontade de se libertar dos seus limites, até mesmo de se ver livre deles” (2004, p.9)

Meio para eternizar na carne as memórias e momentos marcantes da experiência individual, o corpo se torna arquivo da vida, a memória existencial do indivíduo. A marca corporal nas sociedades ocidentais contemporâneas, onde o indivíduo se vê separado do próprio corpo, considerando-se apenas como uma parte incerta do contexto social em que se encontra. Modificar o corpo nas sociedades contemporâneas é um modo de tomar posse de si, de ganhar autonomia de maneira simbólica e própria da pessoa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corporeidade humana, objeto de estudo repleto de diversos imaginários e abordagens das mais distintas disciplinas, encontra em suas explicações uma definição ambígua que separa o homem de seu próprio corpo, vê este fora de sua materialidade física concreta.

Ainda hoje, imaginários a respeito do corpo como posse transitam nos entendimentos populares. Em contrapartida, o avanço da conectividade em escala global através da tecnologia, possibilitando o contato e troca de informações e experiências com diversas culturas e diferentes corpos, tem disseminado a noção do corpo como algo maleável, moldado social e culturalmente, intrinsecamente vinculado a teia de significações e símbolos que fundamentam cada sociedade.

As ações que modelam e modificam o corpo humano, responsáveis por materializar na carne símbolos e significados, se são, nas sociedades tradicionais, formas de filiação, de união e pertencimento, encontram nas sociedades mais modernas, em contraposição, o objetivo de diferenciar e individualizar o homem.

“Se a tatuagem das sociedades tradicionais repete formas ancestrais gravadas numa filiação, as marcas contemporâneas, pelo contrário, têm em primeiro lugar um objetivo de individualização e estético; são, com efeito, algumas vezes formas simbólicas de entrega ao mundo mas sob uma forma estritamente pessoal, recorrendo mesmo a motivos que apenas pertencem a si próprio. [...] A marca tradicional é vontade de anular a sua diferença

pessoal, nas nossas sociedades contemporâneas revela pelo contrário a individualidade, quer mostrar a diferença do próprio corpo, separado dos outros e do mundo, mas lugar da sua liberdade no seio de uma sociedade a que apenas está formalmente ligado” (LE BRETON, 2004, p.13)

Movimento cultural, artístico e estético, encontrado frequentemente nas sociedades humanas, tatuagens, piercings, escarificações e implantes subcutâneos vêm se tornando tendência cada vez mais crescente entre as novas gerações no mundo contemporâneo. As modificações corporais, em suas mais variadas formas, introduzem o homem no interior de sua comunidade ou o separam, distinguindo-o dos demais. São assim, meios para tornar o corpo algo único de cada indivíduo, na tentativa de definir uma identidade favorável em meio a complexidade de valores e significados que abala a modernidade.

REFERÊNCIAS

LE BRETON, David. A Sociologia do Corpo. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

LE BRETON, David. Sinais de Identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Miosótis, 2004

CLASTRES, Pierre. Da Tortura nas Sociedades Primitivas. In: A Sociedade Contra o Estado: investigações em antropologia política. Porto: Edições Afrontamento, 1979.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.